



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS VI/CAETITÉ
COLEGIADO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

GUSTAVO DOS ANJOS RIBEIRO

**O CORPO-LIVRO-POLÍTICO COMO GESTO DE DESOBEDIÊNCIA NO CONTO
TERÇA-FEIRA GORDA, DO ESCRITOR BRASILEIRO CAIO FERNANDO DE
ABREU**

CAETITÉ – BA
2025

GUSTAVO DOS ANJOS RIBEIRO

**O CORPO-LIVRO-POLÍTICO COMO GESTO DE DESOBEDIÊNCIA NO CONTO
TERÇA-FEIRA GORDA, DO ESCRITOR BRASILEIRO CAIO FERNANDO DE
ABREU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia – Departamento de
Ciências Humanas Campus VI, como requisito para
obtenção do título de Licenciado em Letras Língua
Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Me. Rogério Soares Brito

CAETITÉ – BA
2025

GUSTAVO DOS ANJOS RIBEIRO

**O CORPO-LIVRO-POLÍTICO COMO GESTO DE DESOBEDIÊNCIA NO CONTO
TERÇA-FEIRA GORDA, DO ESCRITOR BRASILEIRO CAIO FERNANDO DE
ABREU**

Trabalho de conclusão de curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literatura na Universidade do Estado da Bahia com nota: 9.

Caetité, 17 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Rogério Soares Brito

Prof. Me. Rogério Soares Brito

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI – UNEB

Valquíria Dias de Almeida

Prof.^a Me. Valquíria Dias De Almeida

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI – UNEB

Documento assinado digitalmente
gov.br ABRAAO CARNEIRO DO CARMO RODRIGUES
Data: 13/01/2026 14:03:12-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Me. Abraão Carneiro do Carmo Rodrigues

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI – UNEB

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH

CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

DECLARAÇÃO DE (NÃO) USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



Eu, Gustavo dos Anjos Rêbello
estudante do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literatura
da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de
curso (TCC) intitulado
O corpo-livro-político como gesto de desobediência no conto Texa-flora
é de minha autoria. Gorda

Considerando que recursos de inteligência artificial **não devem ser utilizados na escrita/produção da redação final do trabalho** de conclusão de curso, declaro também que durante a produção do texto:

NÃO houve o uso de inteligência artificial

SIM, houve o uso de Inteligência artificial. (Neste caso, informe abaixo o uso que foi feito e quais recursos foram utilizados, sabendo que a IA **não deve ser utilizada para escrita do texto**)

A Inteligência artificial foi usada no texto para:

revisão linguística do texto

elaboração de imagens e gráficos

tradução

Outros (especificar) _____

Cite os recursos de IA que foram utilizados (ex: Chat GPT)

Caetité, 15/01/26

Gustavo dos Anjos Rêbello / 062270193

Nome do(a) Discente - Nº de Matrícula

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH

CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO



Eu, Gustavo dos Anjos Rilliro
estudante do curso de Licenciatura/Bacharelado em
Letras Língua Portuguesa e Literatura da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro
para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC)
intitulado O corpo-lirico-político como gesto de desobediência
no conto Tropa-fleia corda é de minha autoria. Declaro
ainda que os trechos e citações de terceiros presentes no texto estão devidamente
referenciados conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e que assumo
inteira e total responsabilidade em caso de identificação de plágio, sujeitando-me às penas
previstas no Código Penal Brasileiro.

Caetité, 15/01/26.

Gustavo dos Anjos Rilliro 1062210193

Nome do(a) Discente - Nº de Matrícula

AGRADECIMENTOS

Aos meus ancestrais, peço licença, peço a bênção, porque cada passo meu germinou do que eles construíram com a cara, a coragem, a fé e o silêncio, ilustrando e escrevendo suas próprias narrativas com seus corpos e corpas.

Honro a terra que me moldou: meu pai, trabalhador rural, que me mostrou, com integridade, que se semeia com pés calejados e mãos feridas; poeta da vida, mestre do saber, baobá que me fez fortalecer.

Minha mãe, que sangrou como as chagas de Cristo, empregada doméstica que enfrentou poeiras, mãos corroídas pela alergia dos produtos de limpeza; que entoava silêncios e jornadas que começavam antes do nascer do sol, mas sempre mantendo-se entrelaçada ao fio da esperança.

Às minhas quatro irmãs, que em suas ternuras iniciais tiveram que limpar o chão das casas alheias, arrancaram das dificuldades a robustez para persistir. Aos meus dois irmãos, que desde muito cedo também foram tomados pelo terreno áspero da labuta, aprenderam a metamorfosear o suor em desassombro.

Agradeço aos meus avós, aos amigos e aos meus cinco sobrinhos, pequenos girassóis que reacenderam a luz das minhas chamas quase desvanecidas.

Hoje me ergo em vingança amorosa, em homenagem àquela criança que fui e à criança que não pôde nascer inteira, percorrendo territórios na universidade e no mundo, lugares onde me torno, com satisfação, o primeiro filho, o primeiro sobrinho, o primeiro neto a atravessar as portas de uma universidade.

Elevo minha gratidão a Deus, aos orixás, aos meus guias, às folhas e ao vento, por sempre me mostrarem um norte e me darem suporte para seguir essa caminhada. E celebro a comunidade LGBTQIAPN+, que reluziu o rastro para que eu pudesse existir em inteira luminosidade.

Por fim, em memória de Inácio, te peço a bênção, vô. Sei que, neste momento, em algum lugar, você comemora comigo essa vitória. Te carrego em meu coração e te guardo em minha memória. Te amo.

RESUMO

Este artigo investigou as múltiplas formas de violências existentes no conto “Terça-feira Gorda”, de Caio Fernando de Abreu, presente na obra *Morango Mofado* (1982). O tema é uma provocação ao silenciamento da literatura brasileira em relação ao amor livre e um chamamento à academia aos emergentes temas em discussões contemporâneas. A pesquisa se fundamenta em uma revisão crítica da literatura existente e nas teorias desenvolvidas por Dalcastagné e Iorlandi, visando produzir uma análise aprofundada e contextualizada. Os teóricos em destaques contribuíram de forma enriquecedora para o estudo deste objeto, na perspectiva de uma leitura crítica do conto, aliado ao estudo sobre política, sexualidade, religiosidade e censura moral, que nos concederá entender as ligações entre o conto citado, a fim de desenvolver uma pesquisa conceituada, atrativa e interessante, em que o pesquisador se debruça sobre tudo que já foi publicado e produzido que tenha uma relação com o tema e os objetivos propostos. Desta forma, terá um bom desenvolvimento diante dessa literatura marginalizada.

Palavras-chave: Violência; Literatura; Corpo; Política.

ABSTRACT

This article investigated the multiple forms of violence present in the short story "Terça Feira Gorda," by Caio Fernando de Abreu, found in the work "Morango Mofado" (1982). The theme is a provocation to the silencing of Brazilian literature regarding free love and an appeal to academia to address emerging themes in contemporary research. The research is based on a critical review of existing literature and the theories developed by Dalcastagné and Iorlandi, producing an in-depth and contextualized analysis. The highlighted theorists contributed enrichingly to the study of this object, from the perspective of a critical reading of the short story, combined with the study of politics, sexuality, religiosity, and moral censorship, which will help us understand the connections between the aforementioned short story, in order to develop a well-conceived, attractive, and interesting research, in which the researcher focuses on everything that has already been published and produced that has a relationship with the theme and the proposed objectives. In this way, there will be good development in the face of this marginalized literature.

Keywords: Violence; Literature; Body; Politics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3	REVISÃO DE LITERATURA.....	11
4	METODOLOGIA.....	12
5	A LUTA NUNCA ACABA. OUTROS TERRITÓRIOS DE LUTA PELO DIREITO DE EXISTIR.....	13
6	O DISCURSO LITERÁRIO: RESISTÊNCIA E DENÚNCIA.....	20
	CONCLUSÃO.....	23
	REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisa o conto *Terça-Feira Gorda*, parte do livro *Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu (1982). Cujo o foco principal é a violência contra a comunidade homossexual. Que será desenvolvido com apoio de dados de órgãos governamentais e organizações não governamentais de combate a esta violência e as múltiplas formas de preconceito contra a comunidade LGBTQIAPN+¹. Se primará pela descrição dos personagens principais e a violência que sofrem.

O tema desse artigo foi escolhido pelo fato de seu autor pertencer a um determinado grupo que é silenciado, até mesmo dentro da literatura. Buscamos assim expressar nossa revolta contra a violência e marcar território contra o preconceito. Apesar dos grandes avanços vistos nos últimos anos, a sociedade e mesmo a academia reflete os preconceitos sociais ao não dar voz em seus estudos a grupos marginalizados. Vale ressaltar que essa memória não é individual, a partir do momento que ela envolve um determinado grupo, passa a ser coletiva e social (Halbwachs, 2006).

A violência contra pessoas LGBTQIAPN+s se faz presente de diversas maneiras, dominando agressões físicas, sexuais e psicológicas. Alguns estudos apontam que a violência psicológica está sempre ligada à violência física e sexual (Silva, 2014, p.116). Entre essas agressões, a mais frequente é a psicológica. Que incluem comportamentos como provocações e ameaças. Fundam-se e valores de uma construção social que fortalece o preconceito, como destaca Albuquerque (2016) ao discutir sobre as múltiplas formas de opressão ou intimidação.

Parente (2018, p.123) reforça que violências físicas e sexuais têm se mostrado com grande força, variando de lesões e espancamento ao uso de armas, empurrões, tapas. Essas agressões são intensificadas por proporções estruturais e normalizadas. O que mostra dos mecanismos sociais de segregação e proibição.

Segundo Couto Junior, Oswald e Pocahy (2018), esta violência é historicamente apoiada por leis que criminalizaram condutas contrárias à heteronormatividade. No meio familiar, as reações podem ser ainda mais rígidas, muitos indivíduos acabam sendo expulsos, perseguidos e repreendidos (Braga, et al, 2018, p.120). No âmbito institucional, esta violência persiste em espaços de proteção (Souza, 2015). confirma que travestis podem sofrer agressões físicas em ambientes que deveriam ser de acolhimento, como delegacias de polícia.

¹ A sigla LGBTQIAPN+ refere-se a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pangênero e Não binários, sendo o símbolo “+” empregado para incluir outras identidades e orientações que compõem a diversidade sexual e de gênero (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

De acordo com as informações divulgadas pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), Salvador é a capital mais perigosa do país para a comunidade LGBTQIAPN+, ocupando a segunda posição no ranking da violência contra o movimento LGBTQIAPN+. Entre janeiro e agosto de 2021, o Brasil registrou 207 mortes de pessoas LGBTQIA+ (187 assassinatos e 18 suicídios). A Bahia teve 32 mortes, ficando atrás apenas de São Paulo, com 42. No ano inteiro, foram 300 mortes violentas, um aumento de 8% em relação a 2020. Salvador foi a capital mais perigosa, com 12 mortes em cerca de 3 milhões de habitantes, enquanto São Paulo teve 10 mortes em cerca de 12 milhões, o que torna o risco proporcional 75% maior na capital baiana. Em 2021, os gays representaram 51% das mortes (153 casos), seguidos por travestis e transexuais com 110 (36,67%), lésbicas com 12 (4%) e bissexuais e homens trans com 4 (1,33%). Quanto ao perfil racial, 28% das vítimas eram brancas, 25% pardas, 16% pretas e houve um caso indígena. As idades variaram de 13 a 76 anos, e 47% tinham entre 20 e 39 anos. Os dados acima comprovam e trazem à tona o apagamento de corpos e corpos homossexuais.

Os dados expõem uma brutalidade institucional e insistente contra pessoas LGBTQIA+ no Brasil. As mortes registradas em 2021 revelam a precariedade extrema de travestis, transexuais e homens gays, principalmente em Estados como a Bahia. A frequência de vítimas jovens confirma os amores interrompidos, as vidas ceifadas prematuramente. Essa quantidade de casos denuncia um país que ainda não garante o direito de existir. Um país que não protege corpos marginalizados. Em que urge combater a Lgbtfobia. Eis a hipocrisia do conservadorismo, eles falam a voz de Deus e eliminam em nome do sagrado, usando o discurso religioso para massacrar (Orlandi, 1983, p.27).

O STF decidiu em 2019 que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero (homofobia e transfobia) deve ser tratada como crime de racismo, equiparando-a, com base no Art. 5º, XLII da Constituição, até que o Congresso legisle sobre o tema, criminalizando a homofobia e transfobia como crime específico. Além disso, o STF determina que escolas públicas e privadas têm o dever de combater ativamente o bullying e a discriminação de gênero e orientação sexual, e invalidou leis que proibiam a linguagem neutra em Santa Catarina, reforçando a proteção a esses grupos (STF, 2019).

Apesar dos avanços formais no reconhecimento dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+, as agressões fundadas no preconceito ainda se disseminam de maneira estrutural. A violência persiste como um instrumento que reafirma hierarquias. Que disciplina corpos desobedientes. Expõem que a desigualdade se sustenta para além do campo jurídico, implantada em estruturas que agem contra a transformação. Muito além de estilos ou escolhas

repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele (Dalcastagné, 2012, p.7).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente, analisou-se as censuras e a invisibilidade da literatura LGBTQIAPN+ nos espaços educacionais. E o apagamento de corpos e vozes marginalizadas dentro da narrativa de Caio Fernando Abreu.

No texto *A Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*, Regina Dalcastagné (2012) explora como as literaturas marginalizadas são perseguidas no campo literário. Destaca a temática LGBTQIAPN+, provocando assim uma eliminação dos corpos e silenciamento das vozes.

Em sua obra, *As Formas Do Silêncio No Movimento Dos Sentidos*, Eni Puccinelli Orlandi (1942), expõem a junção entre censura moral, política e religião. Através da análise do discurso a autora caminha em direção a um estudo aprofundado de como se iniciou essa violência e esses discursos ideológicos. Trazendo também o conceito de língua-de-espuma e samba-duplex, ambos carregam o sentido de calar. Este trabalho e seus múltiplos desdobramentos será de grande relevância para nossa investigação sobre a censura.

Serão ainda importantes aportes ainda *A Censura Moral na Ditadura Brasileira: Entre o direito e a política*, de Renan Quinalha (2017). Que desenvolve o surgimento da censura religiosa, cultural, e a concepção de homossexualidade. O autor ressalta que a influência religiosa impões restrições baseada no princípio moralista dos chamados “bons costumes”. Durante o período de grande influência da igreja, obras consideradas imorais eram destruídas e queimadas, potencializando a censura e o preconceito.

Um destaque nessa “caça às bruxas” da moralidade foi visto durante os períodos de restrição dos direitos e liberdades individuais e políticos no país. Que ocorreram em durante o século XX. Em meados de (1937-1945), período em que ocorreu o regime do Estado Novo. E, a ditadura civil militar (1964-1988) (Quinalha, 2007).

Nestes períodos foram se intensificando a censura política-ideológica e a moral. Glauco Soares (1989, apud Quinalha 2019, p. 7) classifica a divisão de censura de Diversões Públicas. Beatriz Kushnir (2004, apud Quinalha 2019, p. 8) diz ter ocorrido a censura no pós-1968, sempre ligado à diversão, e outra à imprensa. A censura era sempre com um cunho político na qual se deveria seguir os costumes tradicionais, respeitando sempre suas virtudes (Orlandi, 2004, p.105).

A ficção de Caio Fernando de Abreu (1982) se encaixa em uma posição política, ideológica e contemporânea de uma literatura excluída. Em *Terça-feira Gorda*, temos esses elementos destacados por Regina Dalcastagnè (2012), como o tema, os personagens, a autoria, o conflito, o vocabulário e o público. Ademais, trazemos as razões da representação a um grupo social marginalizado historicamente. Em uma sociedade extremamente tradicional e historicamente ligada a esse conceito de que o homem nasceu para se casar com a mulher e vice-versa, criou-se um paradigma em que deixou o personagem preso ao medo, impedindo-o de ser quem é.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A fim de fundamentar o campo de investigação optou-se pelo método de utilizar buscas no Google Acadêmico, (plataforma onde encontra-se vários trabalhos publicados), por meio das palavras chaves: violência, censura, gênero, homoerotismo e sexualidade. E de acordo com as pesquisas, há uma grande quantidade de trabalhos produzidos entre os anos de 2020 e 2025, totalizando 411 produções relacionadas ao tema, o que mostra que pesquisadores têm se preocupado com a importância de escrever o tema em destaque.

Ao realizar esse levantamento, foram localizados trabalhos que se entrelaçam com a temática, por exemplo a pesquisa de autoria de Rosemberg da Silva Alves (2023), intitulada *Homoafetividade no conto "Terça-feira Gorda"* de Caio Fernando de Abreu. Na qual analisa-se o conto de Abreu na perspectiva de repressão, poder, homoerotismo, frisando a importância de debater com urgência sobre um tema tão relevante para a sociedade.

A seguir temos a pesquisa de Guilherme César da Silva, Helder Thiago Maia (2022), com o título *Lampejos de Afeto na escuridão: o corpo gay violentado em "Terça-feira Gorda" e "Aqueles dois" em Morango Mofados*, fazendo uma abordagem entre a crítica literária brasileira hétero-cisnormativo e o apagamento de corpos gay, o afeto e o gozo.

Posteriormente, o estudo de Alifer Rafael Nascimento Leal (2022), denominado *Ambientação, Ditadura e a Produção de Identidades não-normativas em Morango Mofados*. Que reflete sobre a construção de identidades subalternas a partir de narrativas subjetivas, trazendo um recorte da violência LGBTQIA+ nos anos de ditadura militar, e que até hoje fazem parte do nosso cotidiano. Sustentando que a homofobia é um acontecimento histórico.

Na pesquisa nomeada *Amarras Existências*, a escrita de Caio Fernando de Abreu, de Cassia Celia de Oliveira (2015) investiga seus contos. Entre eles está *Terça-feira Gorda*. Explicitando, pelo título, que as amarras e nós em que a sociedade quer manter presos as pessoas

LGBTQIA+. E também uma contextualização com as vivências do autor, a HIV/AIDS, o exílio e a morte, abrangendo os impactos da literatura fictícia na realidade de pessoas LGBTQIA+.

Nos estudos intitulado entre Morangos e Mofos: Heteronormatividade nos contos "Sargento", "Aqueles dois" e "Terça-feira Gorda" de Caio Fernando de Abreu, Tacio Lacerda Dantas (2021) busca compreender melhor os personagens presentes na obra, e o contexto da Heteronormatividade a partir do viés Queer, frisando o texto de maneira minuciosa, o padrão estético e a violência narrada ao decorrer do conto.

Por fim, na pesquisa A Humilhação Intolerante em Terça-feira Gorda de Caio Fernando Abreu, Denis Pereira dos Reis Senna (2020), discute as nuances de humilhações experienciadas pelos personagens. Onde o sujeito LGBTQIAPN+ ainda é atingido, emocionalmente, em pontos vulneráveis da afetividade coletiva e os valores sociais.

4 METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, caracterizada na ótica de Severino (2007), que determina fontes de investigações bibliográficas, documental ou experimental. Tem como função abordar sobre um tema por meio de livros, artigos, etc. Sendo assim, a investigação ganha um rumo que dialoga e fortalece com o tema em destaque.

De acordo com Gil (2010),

A pesquisa bibliográfica é construída a partir de diversos elementos científicos. Desde o assunto, o tema, leitura, levantamento de dados, esse estudo deve ser produzido seguindo um roteiro, mas também deve estar associado à intenção do pesquisador e ao seu interesse pelo tema.

Neste estudo, foi realizada uma abordagem qualitativa para investigar as várias formas de violência retratadas no conto Terça-feira Gorda, presente na obra Morango Mofados, do escritor brasileiro Caio Fernando de Abreu (1982). A pesquisa se fundamenta em uma revisão crítica da literatura existente e nas teorias desenvolvidas por Regina Dalcastagné (2012) e Eni Puccinelli Iorlandi (2004).

Segundo Gil (1999), pesquisas qualitativas são as que se apoiam em dados caracterizados por amplas condições guiadas por conjuntos explícitos de permissões filosóficas, teóricas, também conhecidas como básicas ou genéricas. Nesse sentido, procura-se fazer um elo entre leituras, intenção do pesquisador, e com a luta desses indivíduos LGBTQIAPN+s em várias nuances.

Os teóricos em destaques contribuíram de forma enriquecedora para o estudo deste objeto. O conto em análise alia-se ao estudo sobre poética, sexualidade, religiosidade e censura moral. Desta forma, teve um bom desenvolvimento diante dessa literatura marginalizada.

Lincoln (2023), enfatiza a natureza socialmente construída da realidade, o relacionamento entre o pesquisador e o que é estudado, além das restrições situacionais que moldam a investigação. E é justamente por isso que se deu a escolha dessa metodologia. Por haver uma certa familiaridade entre o assunto e ferramentas de desejos pessoais do pesquisador.

O estudo bibliográfico e historiográfico busca mergulhar no texto literário. Ressaltando a importância de ter esses instrumentos como um mecanismo de pesquisa na área de ciências humanas. A produção dessa análise permitiu um novo olhar compreensivo e repleto de saberes, tanto pessoal quanto profissional.

5 A LUTA NUNCA ACABA. OUTROS TERRITÓRIOS DE LUTA PELO DIREITO DE EXISTIR

É notório que as pautas LGBT vem sendo discutida de forma crescente. Porém, apesar de sua garra e coragem, pessoas LGBTQIAPN+ ainda enfrentam silenciamento e violência deixados por um passado sombrio de períodos históricos entristecidos.

Nos anos imediatamente depois do golpe de 1964, ativistas direitistas de envergadura nacional condenaram a homossexualidade como manifestação da subversão; esta perspectiva apareceu também, nas principais instituições e publicações do próprio regime, onde teóricos e mesmo forças de segurança viam no desejo homossexual uma tática da guerra revolucionária (o nome doutrinário que os teóricos da contrasubversão deram à espécie de guerra supostamente criada pelos comunistas para destruir o Ocidente) (Cowan, 2018, p.3).

Tudo isso é o reflexo de uma sociedade conservadora e opressora. Que, ante o diferente, censura, restringe, cerceia, limita. E, impedidos de usar esse repertório empregam o ódio contra aqueles que eles marcaram como alvo na sociedade. Outro espaço de luta pela resistência² à violência é o espaço da literatura. E nesse terreno nenhum outro autor de nossa literatura foi mais aguerrido do que o escritor Caio Fernando Abreu. A representação não dispensa a necessidade da presença do outro, não elimina a exigência da democratização do fazer literário (Dalcastagné, 2012, p.38).

Caio Fernando Abreu (1948-1996) foi um dos mais destacados escritores de nossa literatura. Suas obras abordam temáticas variadas como a homoafetividade, a depressão, a

² Segundo Adorno, a resistência, é rejeitar a retificação, que deve romper com o Realismo para " dizer como realmente são as coisas". (Adorno, 1980, p. 273)

repressão em tempos de ditadura, a violência contra a comunidade LGBTQIAPN+ e os preconceitos que essa comunidade foi e é frequentemente submetida. Todos esses temas podem ser considerados problemáticas, especialmente no contexto histórico-cultural em que o autor o produziu.

A maioria de suas obras foi escrita no final da ditadura civil militar e o período de redemocratização. Época de grande efervescência cultural e renovação das esperanças de construção de um novo Brasil. Novas angústias e novos projetos entre formavam o artista brasileiro e o obrigavam a definir-se na trama do mundo contemporâneo (Bosi, 2006, p.411).

Caio Fernando Abreu deixou um grande acervo de obras que não se limita apenas ao gênero de contos. Escreveu crônicas, romances, novelas, poemas, literatura infantil, peças teatrais, cartas, crítica literária etc. Toda essa produção foi reconhecidamente premiada. Venceu do prêmio Chinaglia (1970), e começou a ser conhecido como escritor a partir de *Morangos Mofados*, em 1982. Dois anos depois, ganhou o prêmio Jabuti com a obra “Triângulo das Águas” (1984), “Os Dragões Não Conhecem o Paraíso” (1989), “As Ovelhas Negras” (1995) e “Onde andaré Dulce Veiga?” (APCA-1991).

Abreu se tornou um símbolo de representação LGBTQIAPN+. E assim surgiu o prêmio "Caio Fernando Abreu" organizado pelo Mix Literário, com o intuito de homenageá-lo e dar visibilidade para autores *Queer*, onde o vencedor tem sua obra publicada pela Editora Reformatório e espalhada pelo mundo.

Dentro da história da literatura brasileira Abreu é classificado como um autor contemporâneo, embora não esteja mais vivo, suas palavras vagueiam pelo mundo, sua ficção traz muito sobre nossa realidade. A ficção de Caio Fernando de Abreu se encaixa em uma posição política, ideológica e contemporânea de uma literatura dos excluídos. Suas obras, valendo-se do contexto de seu tempo e das inovações da literatura contemporânea se abre, como sugere Bosi: a representação de espaços e formas que acolhem o fragmentário, o corporal e o marginalizado como matéria estética (Bosi, 2006).

De todas as obras de Abreu, aquela que é mais celebrada é sem dúvida: *Morangos Mofados*. O livro publicado em 1982 é dividido em duas partes: “O Mofô”, e “Os Morangos”. Os contos integrantes da primeira parte são: “Diálogo”, “Os sobreviventes”, “O dia em que Urano entrou em Escorpião”, “Pela passagem de uma grande dor”, “Além do ponto”, “Os Companheiros”, Terça-Feira Gorda, “Eu, tu, ele”, “Luz e sombra”; da segunda parte são: “Transformações”, “Sargento Garcia”, “Fotografias”, “Pera, uva ou maçã?”, “Natureza viva”, “Caixinha de música”, “O dia que Júpiter encontrou Saturno”, “Aqueles dois”. “Terça- feira

Gorda” explora a relação homoafetiva entre dois personagens. A história do conto, pode ser assim resumida:

O nome desses personagens não é mencionado, sugerindo de modo indireto que eles podem ser qualquer pessoa que se amam e vivem uma relação. O narrador da história é nos modelos interpretativos de Genette, é um narrador personagem. Conhecemos a história através de seu relato.

A interpretação do gozo como um gesto de vingança em Terça-feira Gorda encaixa-se na conversão moral da literatura brasileira que, após 1930, responsabiliza uma "atitude interessante diante da vida contemporânea" (Bosi, 2015, p.262) e, nos pós- 1964, começa a trilhar o caminho do que Bosi denomina de "rota da contraideologia".

Usava uma tanga vermelha e branca, Xangô, pensei, Iansã com purpurina na cara, Oxaguiã segurando a espada no braço levantado, Ogum Beira-Mar sambando bonito e bandido. Um movimento que descia feito onda dos quadris pelas coxas, até os pés, ondulado, então olhava para baixo e o movimento subia outra vez, onda ao contrário, voltando pela cintura até os ombros. Era então que sacudia a cabeça olhando para mim, cada vez mais perto. (Abreu, 2005, p.56).

A cena lateja com a energia mística dos Orixás, elaborando uma corporeidade divina que transfigura o ato em cerimônia. A tanga vermelha e branca idealiza com vigor um atributo a Xangô, enquanto o brilho na face e a espada erguida direcionam ao dinamismo de Iansã e Oxaguiã , integrando um sincretismo corporal vivo. A forma dançante dos corpos faz uma analogia que personifica o movimento das Águas em que o corpo torna-se território de ancestralidade. É possível perceber a cada instante a presença do axé, que não se rompe, apenas se transmuta. O cruzamento de olhares intensifica e traz tensão poética, em que o corpo metamorfoseia em discurso.

O enredo se dá no período carnavalesco, uma festividade pagã, e é neste momento que começam as manifestações de intolerância e agressão moral. A época histórica dos acontecimentos é o período da ditadura militar, tempos sombrios para a liberdade em que o conservadorismo e a repressão moral baseadas em princípios duvidosos pautavam os caminhos dos indivíduos com redes curtas (Prado, 1987).

A obra expõe em tom melancólico e metafórico, o apagamento dos corpos LGBTQIA+, através do figo como representação da opressão a relações homoafetivas. No enredo, os personagens mencionados trilharam o caminho do desejo, da descoberta, e do reencontro com sua própria identidade. Porém, o discurso ideológico de indivíduos que estão

ao seu lado acaba quebrando o clima amoroso entre eles. Há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras (Iorlandi, p.11, 2007).

Um dos momentos mais emblemático na trama é o em que o personagem deseja ceder o seu corpo para que o seu companheiro não sofra com as agressões. Realidade de tantos seres que acabam sendo brutalmente violentados e até assassinados por fugirem dessa “normalidade”.

Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos (Abreu, 2005, p.59).

O fragmento de Abreu evidencia o conflito entre desejo e repressão, revelando como a moral social interfere nas experiências mais íntimas dos sujeitos. As imagens criadas pelo autor traduzem a luta entre o prazer e a culpa, marcando o peso dos padrões impostos sobre o corpo e a sexualidade. Essa tensão simboliza a resistência diante de uma sociedade que controla os afetos, preparando o terreno para a crítica política.

Em uma sociedade extremamente tradicional e historicamente ligada a esse conceito de que o homem nasceu para se casar com a mulher e vice-versa, criou-se um paradigma em que deixou o personagem preso ao medo, impedindo-o de ser quem se é.

Terça-feira Gorda, de Caio Fernando de Abreu, expõe de modo visceral, os eixos do desejo, da exibição e da violência ao narrar o envolvimento intenso entre dois homossexuais no espaço ambíguo do carnaval. A festa, habitualmente marcada pelo excesso, opera aqui como território de dupla inscrição: é, ao mesmo tempo, o lugar da liberação do corpo, do suor, da dança, do erotismo e da vertigem, e um ambiente de risco em que essa liberdade pode ser convertida em vulnerabilidade extrema.

Ao retirar as “máscaras”, Abreu impulsiona não apenas a representação carnavalesca, mas a própria metáfora³ da nudez subjetiva: no instante em que o anseio homoafetivo se manifesta sem intermediação, revelando em sua veracidade primeira, evidenciando o perigo de andar por “linhas tortas”, ou seja, fugir de um padrão, o existir fora da norma. A narrativa construída por uma coreografia corporal que ultrapassa a linguagem verbal, os corpos tornam-se expressão, e a dança, um rito de comunicação que ilustra lindamente e poeticamente as imagens de orixás, a purpurina, os brilhos, o movimento das ondas.

³ Nelly Novais Coelho no seu livro "Literatura e linguagem" (1993) expõe que metáfora é a transmutação de uma existência para outra, com base em elementos análogos presente em ambos, em que o significado real é revelado por um termo ideal que tem ligação por meio de um sentido específico.

Eu estava todo suado. Todos estavam suados, mas eu não via mais ninguém além dele. Eu já o tinha visto antes, não ali. Fazia tempo, não sabia onde. Eu tinha andado por muitos lugares. Ele tinha um jeito de quem também tinha andado por muitos lugares. Num desses lugares, quem sabe. Aqui, ali. Mas não lembráramos antes de falar, talvez também nem depois. Só que não havia palavras. havia o movimento, a dança, o suor, os corpos meu e dele se aproximando mornos, sem querer mais nada além daquele chegar cada vez mais perto. (Abreu, 2005, p.56).

O erotismo humanizado surge como força sedutora, encantadora e resplandecente. Refere-se, como assegura o narrador, de um corpo que por acontecimento era de homem apreciando e desfrutando o corpo de outro homem. Afirmção que tensiona e desestrutura o “cis-tema” heteronormativo.

Cis é uma pessoa na qual alinham-se o sexo designado ao nascer, sentimento interno/ subjetivo de sexo, gênero designado ao nascer, sentimento interno/subjetivo de gênero. (...) Uma pessoa cis é aquela que politicamente mantém um status de privilégio em detrimento das pessoas trans, dentro da cishnorma. Ou seja, ela é politicamente vista como “alinhada” dentro de seu corpo e de seu gênero. (...) O alinhamento cis envolve um sentimento interno de congruência entre seu corpo (morfologia) e seu gênero, dentro de uma lógica onde o conjunto de performances é percebido como coerente. Em suma, é a pessoa que foi designada “homem” ou “mulher”, se sente bem com isso e é percebida e tratada socialmente (medicamente, juridicamente, politicamente) como tal (Kaas, 2014).

Dois corpos em chamas, uma brasa que queima, um fogo que se alastra, um mar de prazer, leva-os a um aguaceiro do desejo, trazendo águas brancas dos corpos-cachoeiras. E assim, eles se entregavam ao amor, os falsos moralistas diziam que era pecado. Ambos permitiam cometer esse grande ato; amar.

Na narrativa, o erotismo é direto, físico, sem rodeios: “ele encostou o peito suado no meu. Tínhamos pêlos, os dois. Os pêlos molhados se misturavam”. A dança atua como uma profecia sexual, embalando uma maneira de penetração simbólica que antecipa e prepara para abertura do incêndio e do fogo, trazendo os mistérios gozosos e dolorosos. O figo, metáfora primordial do conto, sintetiza essa proximidade radical, quando a boca do outro é associada a “um figo maduro, uma flor aberta para dentro” (Abreu, 1982, p. 57). Imagem que evidencia a vulnerabilidade e formosura natural no momento em que o desejo alcança instante de maior intensidade. Nesse momento o erotismo aproxima-se de um domínio quase sagrado, caminhando por uma conexão que desafia a caretice do mundo.

Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia. Não vou perguntar teu nome, nem tua idade, teu telefone, teu signo ou endereço, ele disse. O mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele. O que você mentir eu acredito, eu disse, que nem na marcha antiga de Carnaval. A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a

metade perdida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. (ABREU, 2005, p.59).

Feito uma fogueira, queimando a madeira, o enredo vai se intensificando de maneira prazerosa e explícita dos corpos: “o mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele” (Abreu, 1982, p.59). O cenário na areia, envolta do álcool, suor e mar, opera como um ritual pagão, uma comemoração luminosa da homossexualidade vivida sem máscaras: "A gente foi rolando até onde as ondas quebraram para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos"(Abreu, 1982, p. 59).

Os detalhes ilustram dois figos maduros apertados um contra o outro “e da luminescência à pele metamorfoseia o sexo em teofania estética, quase celestial, apoiado pela nudez que desvela verdade: olhava assim não era bonita nem feia: de poros e pêlos, um cara de verdade” (Abreu, 1982, p.59). É a declaração radical de um anseio masculino que encontra, no corpo do outro, um lugar para existir inteiramente, ainda que por momentos.

Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar. A música era só um tumtutum de pés e tambores batendo. Eu olhei para cima e mostrei olha lá as Plêiades, só o que eu sabia ver, que nem raquete de tênis suspensa no céu. Você vai pegar um resfriado, ele falou com a mão no meu ombro. Foi então que percebi que não usávamos máscara. Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não sentíamos dor, mas aquela emoção daquela hora ali sobre nós, eu nem sei se era alegria, também não usava máscara. Então pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no Carnaval. (Abreu, 2005, p.58).

É exatamente essa completude que torna mais bárbaro a invasão da violência homoafetiva. O termo " veados" e em outro determinado fragmento " olha as loucas", antes um sussurro zombeteiro, converte-se em sentença de perseguição e morte, desfazendo o instante e a boniteza com a violência brutal em que o figo se transforma em pedaços espalhados pelo chão: “a boca molhada afundando no meio numa massa escura, o brilho de um dente caído na areia”.

O corpo cintilante, antes festejado, é entregue ao estatuto de corpo matável, demonstrando a insegurança de indivíduos dissidentes em um imaginário que pune o amor LGBTQIAPN+. O narrador, nu e majestoso, corre pela areia úmida, um corpo despido ligado ao desamparo, não ao livre-arbítrio. No desfecho, as três figuras que predominam; um corpo dançante no bailar da vida, no samba, as Plêiades no céu e o fogo esmagado, condensa o desencadear do conto: gozo, exaltação e extermínio.

De acordo com Achiele Mbembe (2023, p.123), os disseminadores de ódio carregam consigo a Necropolítica, conceito esse que se refere à uma política da morte, o exercício do poder soberano que determina quem pode viver e quem deve morrer.

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas sobre Violência e Homossexualidade (INPVH), observa-se o aumento da violência contra homossexuais. Com mais de 200 assassinatos por ano e 776 ocorrências.

Fica evidente que esses corpos-livros (Dalcastagnè, 2012) vêm sendo atacados por questões morais. Pois, segundo os cidadãos ditos de bem, essas obras carregam um forte teor erótico, considerando-se inadequados para leitura. Mas a realidade é que por trás dessa censura de livros-corpos há inúmeros preconceitos disfarçados de bons costumes. E Iorlandi nos convida a trilhar em um campo que faz interpretar qual o intuito da censura desses livros-corpos, em que querem apagar as nossas páginas escritas com linhas de afeto. E por isso que a autora argumenta que:

A "língua-de-espuma" é definida como: "uma língua 'vazia', prática, de uso imediato, em que os sentidos não ecoam. É uma língua em que os sentidos batem forte, mas não se expandem, em que não há ressonâncias, não há desdobramentos. Na língua-de-espuma os sentidos se calam. Eles são absorvidos e não produzem repercussões (Iorlandi, p.98, 2007).

Isso só nos faz refletir que a censura moral, política e religiosa está enraizada no mundo contemporâneo. Tempos em que querem oprimir, calar, silenciar. Nota-se a perseguição com a literatura que contém algum viés LGBTQIAPN+, pois acreditam que essa literatura influencia uma geração a seguir o mesmo caminho, como se uma pessoa se tornasse LGBTQIAPN+ por conta de determinadas literaturas e por presenciar duas pessoas se amando.

É o que tem acontecido em muitas feiras literárias, algumas obras e autores são impedidos de exporem. Segundo seus organizadores, esses corpos-livros (Dalcastagnè, 2012) podem incentivar outras crianças a serem gays, também a censura do corpo gay, em que escolas convidam o autor, mas diziam que eles não podem dizer a sua sexualidade diante dos estudantes. A censura revela a sua seriedade porque somente ela diz alguma coisa sobre o homem ou sobre a sociedade (Prado, 1987, p.198).

De um ângulo, o desenvolvimento da área "moderna" dos Jardins e de seus pontos avançados parece apenas reforçar tendências detectadas desde os anos 70, para entronizar a imagem do homossexual moderno como consumidor sofisticado, hedonista e individualista - aos homens homossexuais em geral, independentemente do estilo ou poder aquisitivo, continua se associando uma intensa e variada prática sexual sem envolvimento nem arrependimentos, em que pese toda a experiência recente da epidemia HIV – Aids (Simões; França, 2005, p.329).

Tudo isso traz à tona que há muito tempo a comunidade é perseguida no campo social, religioso, biológico, político, científico, e que constantemente relaciona a homossexualidade como um transtorno psicológico, bem como uma pessoa gay com HIV, como um ser indecente, sujo, que não se encaixa naquele determinado grupo da sociedade, que nunca estão aptos para se permitirem a conhecer o novo. No início é o silêncio. A linguagem vem depois, uma linguagem carregada de hostilidade (Iorlandi, p.27, 2007).

Para Louro (2008), as formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, mais que problemas ou questões de indivíduos, precisam ser compreendidos como problemas ou questões da sociedade e da cultura. A literatura LGBTQIAPN+ nos campos educacionais ainda é um grande tabu no currículo escolar.

Obras que exploram a representatividade LGBTQIAPN+ comumente são excluídas ou censuradas. O que contribui para a marginalização desses indivíduos. O silêncio é projetado para o futuro discursivo (Iorlandi, p.52, 2007).

É visível os casos recentes de censura escolar no Brasil. Proibir livros que tem a temática LGBTQIAPN+ em várias bibliotecas, feiras literárias. Como tem acontecido com os relatórios de organizações de direitos humanos, dos quais relatam-se a dificuldade em ter acesso aos conteúdos que exploram HIV, diversidade e sexualidade.

Nesse cenário realizar um estudo sobre a produção de Abreu nas escolas é uma oportunidade de abrir um espaço para colocar em pauta e em diálogo a identidade, sexualidade e tolerância, evidenciando o protagonismo histórico da comunidade LGBTQIAPN+ na sociedade e na literatura. Afinal, o domínio da norma culta serve como fator de exclusão e há quem se beneficie com isso (Dalcastagné, 2012, p.9).

6 O DISCURSO LITERÁRIO: RESISTÊNCIA E DENÚNCIA

Em um universo cercado de injustiça, privilégios, preconceitos e estereótipos, a literatura vem como uma forte ferramenta para abrir os olhos das pessoas. Pois, literatura é poder, conhecimento, transformação, uma arma que deve ser usada com inteligência.

Vendamos os olhos para essas violências simbólicas e despercebidas, e é no campo literário que as letras abrem os caminhos para acordarmos do sono da manipulação (Bordieu, 1993). Talvez sejam esses os motivos pelos quais homossexuais se afastam de ambientes como templos religiosos.

Ao tentar trilhar o caminho do amor, os personagens são impedidos de concretizar esse sonho, de construir a sua própria identidade. Um amor censurado em um período de ditadura

militar que ainda se faz presente na atualidade. A linguagem é o poder, talvez o primeiro poder do homem (Charaudeau, 2008, p.7).

Louro (2008) ainda destaca a relevância da teoria Queer como instrumento crítico para quebrar as normas de identidades fixas e naturais e explora como a sociedade lida com esse movimento, ao afirmar que:

Sei que a sociedade trata desigualmente esses sujeitos e valoriza diferentemente essas práticas. Sei que tudo isso é atravessado e constituído por processos de classificação, hierarquização, de atribuição de valores de legitimidade e ilegitimidade, que sujeitos são acolhidos ou desprezados conforme as posições que ocupem ou ousem experimentar. (Louro, 2007, p. 204)

Essa afirmação só nos leva à conclusão de que um autor LGBTQIAPN+ sempre teve seus espaços negados, marcados pela exclusão e resistência, e que traz consigo singularidades e potencialidades educativas que fazem dos modelos historicamente tradicionais de ensino.

Para Louro (2008), as formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, mais que problemas ou questões de indivíduos, precisam ser compreendidos como problemas ou questões da sociedade e da cultura. Os espaços escolares são instituições que possuem privilégios na construção das subjetividades na propagação de normas sociais, principalmente, no quesito sexualidade e gênero.

O livro infantil *Menina não entra*, de Telma Guimarães Castro Andrade (2010) foi retirado das escolas municipais em Guarulhos; *As aventuras do capitão cueca*, de Davi Pilkey; "Drama" de Raina Telgemier também foram retirados das prateleiras por abordarem em suas obras questões homoafetivas, tendo como justificativa dos pais que a obra poderia influenciar os seus filhos a se tornarem LGBTs.

IMAGEM 1 e 2: Comentários sobre famílias homoafetivas e escritas LGBTQ+



Fonte: Instagram

É visível que nas escolas brasileiras há uma censura velada e/ou até explícita em relação a obras com representatividade homoafetiva. Deixando às margens a exclusão, a reprodução de estereótipos e violência com alunos e profissionais LGBTQIAPN+, contribuindo para disseminação de práticas que ferem os direitos humanos de um grupo marginalizado historicamente.

O exemplo dessa atuação em escolas é a poetisa gay Laura Conceição, que além de levar suas aulas sobre literatura para as escolas, ainda leva o seu corpo e sua voz para retumbar, é o que Butler chama de performance de si ou de gênero, uma performance artística que rompe com esse palco tradicional, trazendo para o âmbito pedagógico um novo jeito de atuar. É preciso combater esses discursos de ódio e levar as vozes LGBTQs para o campo educacional.

Guacira Lopes Louro (2010) explora a crítica a partir do viés de gênero e heteronormatividade encontradas nas áreas da educação. Isso vem ressaltar que o corpo carrega em si um papel primordial, tornando-se causa e justificativa das diferenças. Nesse sentido, enfatiza-se também a urgência de uma educação que possa desconstruir essas normas e possam abrir os caminhos e espaços para identidades dissidentes, principalmente sujeitos LGBTQIAPN+, para que possamos falar com orgulho e poder (Louro, 2010).

Marlucy Alves Paraíso (2010), no seu olhar de uma educação Queer, carrega como objetivo a problematização das identidades fixas incentivando as nuances do existir. Para ela, o currículo é um campo vasto de disseminação de saberes, de encontros "variados", de composições " caóticas", de disseminações " perigosas", de contágio " incontroláveis". Assim, eis a importância de um currículo que traga reinvenção, representatividade, inclusão, e é isso que autores do movimento LGBTQIAPN+ vêm lutando constantemente, pois a educação deve ser um processo vivo.

Freire (2005) destaca que alfabetizar é conscientizar e, por assim ser, há importância e urgência da presença de escritores homoafetivos em terras revolucionárias, cujo nome chama-se escola. Levar autores LGBTQIAPN + para as escolas é dar lugar a diversidade, e mostrar-lhes que suas vozes não estão adormecidas no tempo. Muito pelo contrário, elas estão vivas e podem ecoar em lugares que sofrem invisibilidades por conta de um mundo marcado por discriminação.

Freire (2005) nos convida a refletir, é preciso manter diálogo com as massas populares. É fundamental conversar, compartilhar ideias, pois o diálogo é a raiz fundamental para que nesses lugares germine a transformação social de forma revolucionária e verdadeira. Segundo Freire (2005), o fazer educação é um ato político e, sobretudo, um ato revolucionário em que deve ser considerada a diversidade dos sujeitos, suas subjetividades e repressões.

Seguindo as andanças Freiriana, a presença de autores LGBTs devem ser interpretadas como uma manifestação autêntica de uma sensibilidade que deve ser respeitada, ouvida e abraçada. O apagamento e o silenciamento dessas identidades no campo educacional representam, na sua visão, um fracasso de valores democráticos da educação e dialógico. Afinal, “o mundo não é de ninguém, porque é originalmente de todos” (Freire, 2005.p.24).

Além disso, o autor nos leva a um lugar de reflexão sobre esse despertar para a necessidade de andar por caminhos que possam atrelar ao sujeito uma consciência para transformar sua realidade e, ainda, elencar que educadores e autores homoafetivos podem se revelar como agentes que trazem uma pedagogia que desafie a homofobia e estereótipos nos ambientes escolares e regionais.

Diante dos dados apresentados, é notório a relevância e urgência deste estudo para refletir a luta da comunidade LGBTQIA+ e a necessidade de construir discussões desse viés para o campo acadêmico. Realizar pesquisas trilhando essas questões permitirá que a censura do corpo e do amor livre não deve voltar e nem continuar trazendo mais conhecimento a esse grupo LGBTQIAPN+, oferecendo também estudo sócio-histórico sobre censura moral, política, religiosa e também dos direitos enquanto ser humano.

CONCLUSÃO

A análise de *Terça-feira Gorda*, de Caio Fernando Abreu, à luz das reflexões de os dados da violência no contra a comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil e de debates contemporâneos sobre representatividade, permite compreender como a literatura pode expor e denunciar formas históricas de violência contra corpos dissidentes. A ficção de Abreu se insere em uma tradição estética e política que emerge dos lugares excluídos, revelando conflitos identitários, desigualdades sociais e os mecanismos que silenciam sujeitos LGBTQIA+.

Ao retratar personagens marcados pelo medo, pela vulnerabilidade e, principalmente, pela busca de uma liberdade constantemente ameaçada, o conto evidencia a permanência de estruturas conservadoras e fascistas que organizam a sociedade brasileira. Tais estruturas, reforçadas por discursos religiosos e moralistas, patologistas e que demonizam a homossexualidade, alimenta, preconceitos que atravessam a vida desses indivíduos em múltiplas esferas, da convivência cotidiana à institucionalidade. O resultado disso é o agravamento da violência simbólica, verbal e física, chegando, como no conto, à brutal interrupção de um possível encontro amoroso.

A força literária de Abreu reside justamente no modo como seus personagens encarnam a resistência. Seus corpos, desejos e afetos tornam-se espaços de luta, contestando a tentativa de apagamento histórico que constantemente ameaça a comunidade LGBTQIAPN+.

Em *Terça-feira Gorda*, a trajetória dos protagonistas escancara a face mais cruel de uma sociedade que ainda nega ao outro o direito pleno de existir e amar. O conto revela que as represálias sofridas por esses personagens não são casos isolados, mas sintomas de uma lógica social que tenta regular identidades, normatizar afetos e limitar a diversidade humana.

Ao considerar o contexto literário e social, torna-se evidente que esses corpos-livros, nas palavras de Dalcastagnè (2012), não podem ser apagados. Cada narrativa, cada voz que emerge da margem, contribui para romper o silêncio histórico imposto à comunidade queer. A literatura, portanto, não apenas testemunha essas experiências, mas as transforma em matéria política, criando fissuras no discurso hegemônico e possibilitando novas formas de existir, resistir e narrar.

Desse modo, este estudo reforça que a obra de Caio Fernando Abreu em particular, *Terça-feira Gorda* é um território fértil de revolução simbólica. Sua escrita homoerótica, sensível e transgressora, desafia normas morais e religiosas, confronta a censura e expõe a fragilidade das estruturas que sustentam a violência contra os LGBTQIAPN+s. Ao iluminar narrativas de desejo, dor e coragem, Abreu nos convida a refletir sobre a urgência de uma sociedade que reconheça, com igualdade e humanidade, todas as formas de amar e existir.

Que esta leitura contribua para o debate acadêmico e social sobre censura, homoafetividade e direitos humanos, reafirmando que nossos corpos, nossos afetos e nossas histórias não podem ser interrompidos por ideologias conservadoras ou por quaisquer formas de poder excludentes. A literatura, enfim, continua sendo um espaço de denúncia, de memória e de transformação um convite para que resistamos, reexistamos e continuemos a brilhar, apesar de todas as violências que nos atravessam.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- ALBUQUERQUE, GA et al. **Homossexualidade e o direito à saúde**: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. *Saúde em Debate*. 2013; 38(98): 516-24.
- ADORNO, T. Posições do narrador no romance contemporâneo In: *Os Pensadores*, São Paulo: Abril, 1980.
- DISTRIBUIÇÃO de livros sobre educação sexual gera polêmica em Guarulhos. *Bom Dia Brasil*, Rio de Janeiro, 2 de jun. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/06/distribuicao-de-livros-sobre-educacao-sexual-gera-polemica-em-guarulhos.html>. Acesso em: 26 out. 2016.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Diferença no currículo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 587–604, maio/ago. 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 45 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. 1ª edição [2003]. São Paulo: N-1, 2018a.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Pensamento, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- COWAN, Benjamin. **Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar**. In: GREEN, James N. e QUINALHA, Renan (orgs.) *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EDUFSCAR, 2015, p. 27-52.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FALLEIROS, Iara Braga; DOS SANTOS, Manoel Antonio; SILVA, Marilurdes Farias; FERRIANI, Maria Das Graças Carvalho; SILVA, Marta Angélica Iossi. **As múltiplas faces e máscaras da heteronormatividade**: Violências contra adolescentes e jovens homossexuais brasileiros. *Salud & Sociedad*, 9(1), pp. 52-67.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Entenda o que significa cada letra da sigla LGBTQIA+**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/>. [2021]. Acesso em: 3 dez. 2025.
- GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas. 1999.
- GGB, Grupo Gay da Bahia [Internet]. **Tabela geral de assassinados de homossexuais no Brasil**, 2010. 5p. Disponível em: <https://goo.gl/2nuS-jU>. Acessado em 03 dezembro 2025.
- INPVH. **Relatório Anual sobre Violência contra Homossexuais no Brasil**. Rio de Janeiro, 2023.

KAAS, Hailey. “**Tornar-se cisgênero**”. *Transfeminismo*, jun. 2014. Disponível em <https://transfeminismo.com/tornar-se-cisgenero/>. Acesso em 20/05/2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pró-Posições***, São Paulo, v. 19, n. 2, p.17–23, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 set. 2025.

MARTINS, A.N. (2020). **Caminhos da criminalização da LGBTfobia no Brasil**: Racionalidade criminalizante, neoliberalismo e democratização. (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo)

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PRADO, Décio de Almeida. **O Exercício findo**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

QUINALHA, J. N. G. E. R. (Orgs.) **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. 2. ed. São Carlos: UFScar, 2018 p.27-52.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.1–22, 2013. DOI: <https://doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. revista e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. Do "gueto" ao mercado. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. (Org). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005. cap.5, p.309-333.

SILVA, Ana Livia Félix e; MENDONÇA, Caio César Caetano; VIANA, Brenno Alves; SOUZA, Isabella Withória Caldas da Silva; AZEVEDO, Monarko Nunes de. **Violência interpessoal contra adolescentes LGBT**: Uma perspectiva ampliada sobre tendências, contextos regionais e desafios emergentes. *R@U – Revista @ntropologia da UFSCAR*, São Carlos, SP, v. 15, n. 1, p.123-139, jan./jun. 2023.

Supremo Tribunal Federal. **STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa**. Disponível em <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>> Acesso em: 02/11/25.